



O “GRANDE HOTEL” MODERNO NO BRASIL E EM PORTUGAL

Eixo 3. O Modernismo como Cultura

Ricardo Alexandre Paiva

Doutor (FAUUSP), Professor Associado (DAUD-PPGAU+D-UFC)

paiva_ricardo@yahoo.com.br

Beatriz Helena Nogueira Diógenes

Doutora (FAUUSP), Professora Adjunta (DAUD-PPGAU+D-UFC)

Resumo:

O processo de reconstrução e a reestruturação geopolítica após a Segunda Guerra promoveu internacionalmente um processo de modernização vinculado hegemonicamente às atividades de produção industrial como modelo de desenvolvimento econômico. Ainda assim, percebe-se, desde a década de 1950, um incremento e incentivo às atividades turísticas, que intensificou a construção de hotéis, em função não somente de viagens para fins de ócio, mas também de negócios, servindo por vezes como um dos principais sintomas da modernização dos lugares e como signo do Estado (nas suas variadas instâncias). Neste contexto, verifica-se no Brasil e em Portugal o surgimento de uma versão moderna do “Grande Hotel”, que consiste em um meio de hospedagem de grande porte, de padrão de luxo e com funções híbridas, que remonta ao Século XIX. Sendo assim, o objetivo deste artigo é estabelecer um paralelo entre o Hotel da Bahia (1947-1951) em Salvador, de Paulo Antunes Ribeiro e Diógenes Rebouças e o Hotel Ritz (1954-1959) em Lisboa, de Porfírio Pardal Monteiro e Jorge Ribeiro Ferreira Chaves, enfatizando o papel do “Grande Hotel”, como signo da modernidade arquitetônica e catalizador do desenvolvimento turístico no Brasil e em Portugal. Espera-se, com base em um levantamento historiográfico, obter uma melhor compreensão da relação entre o turismo e a produção do hotel moderno, identificando aspectos análogos e contrastivos nos dois casos. Além disso, pretende-se realçar o valor patrimonial deste acervo e o significado da sua permanência nas dinâmicas urbanas e turísticas contemporâneas.

Palavras-chave: turismo, arquitetura moderna, Hotel da Bahia (Brasil), Hotel Ritz (Portugal)

Abstract:

The reconstruction process and geopolitical restructuring after World War II promoted, internationally, a process of modernization linked, hegemonically, to the activities of industrial production as a model of economic development. Nevertheless, since the 1950s, tourism has been increasing and stimulating, which has intensified the construction of hotels, due not only to travel for leisure but also to business. The construction of important hotels was one of the main symptoms of the places modernization and as a sign of the State (in its various levels of power). In this context, a modern version of the “Grande Hotel” appears in Brazil and Portugal. this is a large accommodation, of luxury standard and hybrid functions, dating back to the 19th century. The purpose of this article is to establish a parallel between the Hotel da Bahia (1947-1951) in Salvador, by Paulo Antunes Ribeiro and Diógenes Rebouças, and the Hotel Ritz (1954-1959) in Lisbon, by Porfírio Pardal Monteiro and Jorge Ribeiro Ferreira Chaves, emphasizing the role of the “Grande Hotel” as a sign of architectural modernity and a stimulus for tourism development in Brazil and Portugal. Based on a historiographical research, it is sought to obtain a better understanding of the relationship between tourism and the



production of the modern hotel, identifying similar and contrastive aspects in both cases. In addition, it is intended to highlight the heritage value of this collection and the significance of its permanence in contemporary urban and tourist dynamics.

Keywords: *tourism, modern architecture, Hotel da Bahia (Brazil), Hotel Ritz (Portugal).*



O “GRANDE HOTEL” MODERNO NO BRASIL E EM PORTUGAL

Introdução

O processo de reconstrução e a reestruturação geopolítica após a Segunda Guerra suscitou internacionalmente um processo de modernização vinculado hegemonicamente às atividades de produção industrial como modelo de desenvolvimento econômico. Ainda assim, percebe-se desde a década de 1950 um incremento e incentivo às atividades turísticas suscitadas por meios de transportes e comunicações mais eficientes, pelas conquistas trabalhistas mais ou menos alinhadas, dependendo do país, ao Estado de Bem Estar Social (Welfare State), bem como pela atuação do Estado e do mercado na promoção do turismo. Como um dos serviços essenciais para fruição da atividade, a construção de hotéis se intensificou em função não somente dos fluxos de viagens para fins de ócio, mas também relacionada aos fluxos de negócios, servindo por vezes como um dos principais sintomas de um processo de internacionalização da economia e como signo do Estado.

Neste contexto, verifica-se no Brasil e em Portugal, a partir desse período, a construção de uma versão moderna do “Grande Hotel”, que consiste em um meio de hospedagem de grande porte, de padrão de luxo e com funções híbridas, que remonta ao Século XIX. O objetivo deste artigo é, portanto, estabelecer um paralelo, com base em um levantamento historiográfico, entre o Hotel da Bahia (1947-1951) em Salvador, de Paulo Antunes Ribeiro (1905-1973) e Diógenes Rebouças (1914-1994) e o Hotel Ritz (1954-1959)¹ em Lisboa, de Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957) e Jorge Ribeiro Ferreira Chaves (1920-1981), enfatizando o papel do “Grande Hotel” como signo da modernidade arquitetônica e catalizador do desenvolvimento turístico no Brasil e em Portugal. Espera-se, dessa forma, obter uma melhor compreensão da relação entre o turismo e a produção do hotel moderno, identificando aspectos análogos e contrastivos nos dois países. Além disso, pretende-se realçar o valor patrimonial deste acervo e o significado da sua permanência nas dinâmicas urbanas e turísticas contemporâneas.

Vargas (2019, p. 1) advoga que os espaços de consumo, lazer e entretenimento, como os hotéis, *“foram colocados no ostracismo pela elite arquitetônica vinculada ao movimento moderno e adepta do estilo internacional, juntamente com seus críticos”*. Esta constatação é muito significativa, uma vez que alerta para a importância e a necessidade de revisões historiográficas no campo da relação entre o turismo, o lazer e o entretenimento na sua relação com a modernidade arquitetônica. Nesta direção, este artigo busca contribuir para compreensão do hotel moderno, na encruzilhada entre o turismo e a arquitetura.

O “Grande Hotel”: antecedentes tipológicos

Gilberto Freyre (1900-1987), na sua coluna no Diário de Pernambuco, acusava o jornalista e político francês Sr. Leon Daudet (1967-1942) de incorrer em erro quando afirmava que o século XIX não havia produzido sua própria arquitetura. Para ele, o “Oitocentos” inventou o hotel, ou melhor, o “Grande Hotel”, fenômeno equivalente à catedral moderna:

¹ O projeto teve a participação de outros arquitetos como colaboradores: Frederico Sant’Ana, Anselmo Fernandez, Antônio Pardal Monteiro e Eduardo Medeiros.



Não se pode compreender uma cidade moderna sem o seu hotel, como não se compreendia uma cidade da Idade Média sem a sua catedral. E claro que os não estou comparando como valores morais: simplesmente como notas introdutórias das paisagem física e social (FREYRE, 1924, p. ?).

Em outra matéria de Freyre sobre os grandes hotéis americanos, fica mais evidente a que *“paisagem física e social”* o “Grande Hotel” alude. Trata-se, notadamente, da *“individualidade de arquitetura que nele se acentua, pela concentração de atividades e de vida que nele se agrupa”* (FREYRE, 1925, p. ?), signo da modernidade emergente.

Para Denby (1998), o Grande Hotel era um novo tipo de edifício do século XIX que evoluiu a partir das estalagens e hospedarias e se transformou, não somente por conta das tecnologias construtivas (aço, concreto, vidro, elevador), mas igualmente por conta do avanço dos meios de transporte (estradas e ferrovias), que viabilizaram o acesso dos consumidores aos serviços do hotel. Embora existissem tipos de alojamentos distintos, o “Grande Hotel” estava destinado a uma burguesia em ascensão, que desfrutava de várias formas dos avanços da modernidade, tanto em relação à urbanização e intensificação dos fluxos de pessoas e mercadorias, como no que se refere aos modos de vida urbanos. Assim, *“com os exemplos palacianos à sua frente, os poderosos e ricos criaram para si próprios o ‘grand’ ou ‘palace’ hotel”* (DENBY, 1998, p. 8).

O sentido de *“palace”* descende do caráter palaciano das edificações concebidas ou adaptadas para abrigar estes meios de hospedagem. À época em que novos hotéis foram construídos no século XIX, fragmentos e reminiscências socioespaciais aristocráticas do Antigo Regime passaram a coexistir com a modernidade. A princípio, estas inovações não se evidenciaram nitidamente em formas modernistas, mas, sobretudo, no programa de necessidades, que buscava responder às demandas sociais e culturais suscitadas pelo progresso da urbanização. Como confirma (PIMENTEL, 2011, p. 2):

Ali nasceria o hotel moderno o qual, junto à disciplinarização e racionalização no ambiente construído das metrópoles europeias, articula a economia doméstica do privado – tornada o lócus por excelência do papel da mulher – à economia pública, abrigando a nova hospitalidade de subjetividade masculina na geopolítica dos Estados nacionais. Portanto, o hotel passa a se processar nas linhas divisórias do público e do privado, buscando demarcá-las com grande precisão ao unir os velhos símbolos de status e da distinção com as novas demandas de classificação da modernidade: a intimidade, a higiene, a etiqueta e a economia capitalista.

O “Grande Hotel” se distinguia de outros meios de hospedagem como um signo de consumo de luxo, que se revelava não somente de forma quantitativa (número de quartos e cômodos), mas qualitativa, por intermédio do estilo, da formalidade, da ostentação, da qualidade elevada dos serviços e do tipo de viajantes, que direcionavam o seu acesso a um público seletivo, mediante o elevado custo das diárias.

Desta forma, o “Grande Hotel” ou o “Palace Hotel” se consolidou como uma tipologia arquitetônica que surgiu na segunda metade do século XIX e adentrou no século XX como expressão da modernidade e da popularização das viagens, quando ainda era restrita aos detentores do poder e às classes mais abastadas. Após a década de 1920, com um maior incentivo ao turismo em diversas partes do mundo, o “Grande Hotel” vai adquirindo um programa ainda mais complexo. Para Cortés et alii (2017, p. 100)



Essa tipologia consistia em grandes volumes com espaços de atividades sociais e programas anexados, como bares, restaurantes, piscinas ou banhos termais, e outros serviços, como salões de beleza, que permitiam uma estadia de luxo.

Duas respostas racionalistas para a solução do “Grande Hotel” são emblemáticas na História da Arquitetura: o Hotel Imperial de Tóquio (1922), de Frank Lloyd Wright e demolido em 1967 e o projeto do Grande Hotel Babilônia (1923) em Nice, de Adolf Loos. No período entre guerras, verificou-se um certo afastamento das atitudes historicistas e foi sendo incorporada aos projetos uma modernidade transitória como linguagem arquitetônica dos hotéis, identificada com tendências protoracionalistas e Art Déco.

O período pós Segunda Guerra Mundial, marcado por uma relativa trégua e também por reconstrução, favoreceu um maior incremento das viagens, suscitadas pela expansão da aviação comercial civil e pela generalização do automóvel como meio de transporte. Assim, persistiu na passagem da década de 1940 para 1950, a importância de se construir um grande hotel como signo de progresso e modernidade, à altura em que o Movimento Moderno se estabelecia como a principal expressão da cultura arquitetônica e técnica do século XX. No período supracitado, *“o Movimento Moderno é marginalmente representado, mas versões de “modernidade” são mais características do hotel de arranha-céus de Shanghai, Nova York e Canadá, do que de poucas na Europa”* (DENBY, 1998, p. 8).

É importante destacar que, a perspectiva histórica sobre a arquitetura hoteleira é precária. Mesmo Pevsner (1976), no seu clássico escrito sobre as tipologias arquitetônicas, deixa um “gap” importante sobre a evolução da tipologia dos hotéis na primeira metade do século XX, apresentando breves e superficiais menções aos hotéis modernos. O autor faz referência, na década de 1950, ao Hotel Hilton (1953-1955) em Istambul, de Skidmore, Owings & Merrill y Sedad H. Eldem e, na década de 1960, ao Hotel SAS Royal (1960) em Copenhague, de Arne Jacobsen (1902-1971).

A construção de hotéis nomeadamente modernos, quer dizer, alinhados às premissas espaciais, programáticas, estéticas e tecnológicas do Movimento Moderno como vanguarda, se estabeleceu somente em meados do século XX e se desenvolveu em situações específicas, que foram pouco abordadas pela história da arquitetura. Estas omissões ocorreram tanto em relação aos hotéis modernos construídos em países hegemônicos, como nos Estados Unidos (de tradição hoteleira desde o século XIX) e que na década de 1950 teve uma importantes exemplos de atuação, como a de Morris Lapidus (1902-2001)² em Miami; como em países que ocupavam uma condição mais marginal no cenário econômico, político e cultural da época³.

Desde o século XIX, face ao papel dos lugares como produtores e/ou distribuidores e/ou consumidores na lógica industrial do capitalismo, o fenômeno do “Grande Hotel” se generalizou indistintamente, em diversos centros urbanos, do mundo ocidental ao oriental, das metrópoles às (ex)colônias, sendo o hotel, ele mesmo, uma expressão do estágio de alinhamento à modernidade.

² Projetos de hotéis de Moris Lapidus em Miami: Nautilus (1950); Di Lido (1951); no Biltmore Terrace (1951); do Hotel Algiers (1951); Hotel Fontainebleau (1952), entre outros. (VARGAS, 2019).

³ Alguns exemplos de hotéis modernos são representativos: no México (Hotel Cassino da Selva (1946), que vai passar por intervenções de Félix Candela), no Panamá (Hotel Panama (1946-1951), do arquiteto norte-americano Edward Durell Stone (1902-1978).



No Brasil e em Portugal, países que na década de 1950 surgiam como destinos em ascensão de viagem e turismo, ainda que periféricos, há expressões arquitetônicas significativas desta versão moderna da tipologia do “Grande Hotel”, denotando características próprias e por vezes contraditórias entre tradição e progresso, monumentalidade e modernidade, passado e presente.

O “Grande Hotel” no Brasil: breves notas

A gênese dos primeiros meios de hospedagem no Brasil teve lugar privilegiado no Rio de Janeiro, representados sobretudo pelas hospedarias e estalagens. A cidade, desde a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, assumiu uma condição de centro político da Colônia, do Império e da República e, como tal, acolheu muitos viajantes e estrangeiros. Entretanto, o rápido desenvolvimento econômico de São Paulo, criou condições favoráveis para a construção de hotéis de fato, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX.

Conclui-se, assim, que o Rio de Janeiro apresentou realmente uma precedência quanto à introdução de hotéis no sentido mais atualizado da palavra, mas esta dianteira da Corte pouco durou, pois, a partir da inauguração da estrada de ferro inglesa, proliferaram estes estabelecimentos na capital paulista, tirando da mentalidade do povo, em curto espaço de tempo, a visão pejorativa que levavam, pelo menos quanto à prestação de alguns tipos de serviço bem específicos (PIRES, 1991, p. 57).

Não cabe no escopo deste trabalho elencar toda a história dos hotéis no país, mas apenas sublinhar alguns exemplares de grande porte, que constituem os antecedentes do “Grande Hotel” no Brasil. Desse modo, ainda no século XIX, como oferta de serviços de hospedagem de luxo, vale destacar em São Paulo, o Grande Hotel inaugurado em 1878, localizado na Rua São Bento, esquina do Beco da Lapa, projeto do engenheiro alemão Von Puttkamer (1842-1917) (DIAS, 2006).

No século XX, na categoria de hotel de porte, cabe ressaltar que o famoso edifício Martinelli (1924-34) abrigava no seu programa o Hotel São Bento. Ainda na década de 1920, o Hotel Terminus (1922), com mais de 200 quartos, e, posteriormente, o Hotel Esplanada (1923), com 250 apartamentos, são os exemplos mais significativos do aspecto cosmopolita que a cidade ia adquirindo, bem como as funções sociais desempenhadas por estes hotéis. *“Os novos hotéis da cidade, como o Hotel Esplanada, eram mais do que um simples equipamento urbano destinado a viajantes que transitavam na cidade. Eram também locais de grandes discussões políticas e manifestações de vanguarda da sociedade paulistana”* (MONTEIRO, 2006, p. 66). Estes edifícios, embora assimilassem alguns avanços tecnológicos e tipológicos, ainda recorriam às amplas opções estilísticas do Ecletismo.

Na década de 1940, com a consolidação de São Paulo como metrópole nacional e como polo hegemônico da recente indústria brasileira, houve um surto de construção de grandes hotéis, adotando agora as tendências modernizantes de vertentes protomodernistas e Art Déco. Entre outros, são exemplos significativos: o Hotel Elxcesior (1941-1944), projeto de Rino Levi; o Hotel Marabá (1945), também de Rino Levi; o Hotel São Paulo (1942-1946) de autoria do Escritório Dácio A. de Moraes & Cia. É interessante notar que a modernidade arquitetônica destes edifícios se expressava na verticalidade, no caráter híbrido do programa (os dois primeiros abrigavam também cine-teatros) e na geometrização da forma e das aberturas; entretanto, permaneciam aspectos tradicionais, como a composição do



edifício, frequentemente marcado pela base, corpo e coroamento, e a inserção urbana, ocupando quase sempre os limites do lote.

Fora da capital paulista e motivados pelo lazer, recreação e também pelo entretenimento dos cassinos, dois exemplares são dignos de nota: o Grande Hotel São Pedro, estância hidromineral de Águas de São Pedro (projeto de 1938) com linhas Art Déco, onde funciona hoje a Escola de Hotelaria administrada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial de São Paulo (SENAC/SP) e o Grande Hotel de Campos do Jordão⁴, em estilo tradicional de influências mediterrâneas.

No Rio de Janeiro, o primeiro grande hotel surgiu somente em 1910, com a inauguração do Hotel Avenida, com 220 quartos e de traços ecléticos, concomitante à própria abertura da Avenida Central no Rio de Janeiro, marco da modernização da capital federal no período da Belle Époque. Com o prestígio que a cidade adquiria como polo cultural e de lazer, com fama internacional, foram construídos na década de 1920, os famosos Copacabana Palace Hotel (1919-1923), e o Hotel Glória (1922), ambos projetos de linhas classizantes, do arquiteto francês Joseph Gire.

Na década de 1940, destaca-se o hotel-cassino Quitandinha⁵ (1944), em Petrópolis, projetado pelos arquitetos Luis Fossati e Alfredo Baeta Neves.

Inaugurado em 1944, o hotel-cassino Quitandinha foi concebido para ser o maior cassino da América Latina. Idealizado por Joaquim Rolla, dono de outros cassinos no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, e projetado pelos arquitetos Luis Fossati e Alfredo Baeta Neves, o Quitandinha faz referência à linguagem normanda, seguindo a tendência dos cassinos europeus (ARAUJO, 2016, p. 392).

Em algumas outras capitais regionais, versões ecléticas ou protomodernas do “Grande Hotel” também começavam a ser erigidas até a década de 1940, como é o caso do Grande Hotel (1910), em Belém, do Hotel Excelsior (1932), em Fortaleza; do Grande Hotel (1938), no Recife; e do Brasil Palace Hotel (1939/1941), em Belo Horizonte, só para citar alguns exemplos. A expressão de modernidade destes hotéis era tão eloquente que compunham os cartões postais das cidades, onde geralmente ocupavam um sítio privilegiado.

Ainda na década de 1940, o Park Hotel São Clemente (1944), localizado em Nova Friburgo (RJ), projeto de Lúcio Costa (1902-1998) e o Grande Hotel Ouro Preto (1945) em Minas Gerais, assinado por Oscar Niemeyer (1907-2012), inauguraram a contribuição da arquitetura moderna brasileira, na sua vertente erudita e teórica, à tipologia hoteleira. Contudo, trata-se de episódios isolados e as edificações são de pequeno porte. Além destes, outros hotéis notadamente modernos foram projetados e publicados em revistas especializadas, mas não chegaram a ser construídos⁶.

Entretanto, antes mesmo que no Rio de Janeiro e em São Paulo, o primeiro “Grande Hotel” moderno de padrão internacional e de luxo, de características genuinamente alinhadas ao

⁴ Ver Revista Acrópole n. 79, novembro de 1944.

⁵ Ver Revista Acrópole n. 71, março de 1944.

⁶ Os principais exemplares são, na sua maioria, de autoria de Niemeyer, como o Hotel na Pampulha (Belo Horizonte-MG – 1943); Hotel em Nova Friburgo (Nova Friburgo-RJ – 1945); Hotel Regente na Gávea (Praia do Leblon-RJ – 1949); Hotel Quitandinha (Petrópolis-RJ – 1950/51); Edifício Copan (São Paulo-SP – 1950/51). Este último também com uma proposta do Hotel Copan de Henrique Mindlin, que projetou ainda o Hotel Pan América na Esplanada do Castelo (Rio de Janeiro-RJ – 1945).



Movimento Moderno foi erguido em Salvador-BA, o Hotel da Bahia (1947-1952)⁷, de autoria do carioca Paulo Antunes Ribeiro (1905-1973) e do baiano Diógenes Rebouças (1914-1944). Foi concebido e construído concomitantemente a outro importante hotel de Paulo Antunes Ribeiro: o Hotel Amazonas (1947-1952)⁸. O pioneirismo do Hotel da Bahia é reforçado por Andrade Jr (2012) e por Cavalcanti (2001), ao afirmar que o empreendimento “foi o primeiro estabelecimento [hoteleiro] de grande porte a ser construído no Brasil, em estilo moderno”. (CAVALCANTI, 2001, p. 320)

De fato, só a partir da década de 1950, face à intensificação das práticas de turismo e do caráter hegemônico do racionalismo arquitetônico, vários hotéis modernos serão construídos no Brasil.

É na década de 1950 que se testemunha um ponto de inflexão, tanto no surto de construções de hotéis, como na adoção predominante da linguagem moderna culta nos projetos. Este incremento do setor hoteleiro se deve nem tanto a uma política específica para o setor, mas se justifica em função dos reflexos da adoção da industrialização como paradigma de desenvolvimento, redundando na implementação da indústria automobilística e na ampliação e profissionalização da aviação comercial no Brasil. As viagens e o turismo de massa se anunciam internacionalmente e são tributários das mudanças sociais e tecnológicas provenientes da industrialização (PAIVA, 2016, p. 5).

A construção de hotéis com aspecto moderno só irá se intensificar ainda mais após a inauguração de Brasília, marco da industrialização e modernização do país. Neste contexto, destacam-se o Brasília Palace Hotel (1958), inaugurado em Brasília antes mesmo da capital e o Hotel Nacional (1961) do arquiteto Nauro Jorge Esteves. Ao longo da década de 1960, diversas capitais já contavam com importantes hotéis de feição moderna, conformando de algum modo um parque hoteleiro no Brasil.

O Hotel da Bahia: “O mais belo Hotel do Brasil”

Em 1952, ano de inauguração do Hotel da Bahia, a importante Revista Cruzeiro (1952, p.113) publicou uma matéria sobre a obra com o título “*O mais belo Hotel do Brasil*”, celebrando o empreendimento e a grande solenidade de inauguração, que contou com mais de 2500 pessoas, entre políticos, artistas e empresários.

Desde 1947, ano do projeto, até a sua inauguração, os meios de comunicação impresso, como jornais e magazines, tiveram importância crucial para a propaganda política que sempre esteve vinculada ao hotel. Várias matérias no Jornal A Tarde da Bahia e mesmo no Jornal do Brasil⁹, foram publicadas sobre a obra, se valendo do seu caráter simbólico.

O Hotel da Bahia foi construído no contexto de uma política de dotação de obras públicas importantes na Bahia, como o Teatro Castro Alves (1948-1967) e o Centro Educacional Carneiro Ribeiro - Escola Parque (1950). Estas obras buscavam instigar um processo de modernização mais efetivo da cidade.

⁷ Foi inaugurado em 24 de maio de 1952.

⁸ O Hotel Jaraguá em São Paulo, projeto de Franz Heep, embora tenha sido projetado em 1947, só foi inaugurado em 1954.

⁹ Jornal do Brasil (12 de abril de 1949 (p. 9) texto publicado referente ao discurso do Governador da Bahia Octavio Mangabeira.



Nessa conjuntura, a realização do Hotel veio a se concretizar devido à vontade política do então governador da Bahia, Otávio Mangabeira, somada à iniciativa de um grupo de empresários, resultando na criação da empresa “Hotel da Bahia S.A.”, que passou a gerir o empreendimento. A construção não possui uma motivação propriamente relacionada a um planejamento ou política de turismo, ainda que nasça de uma parceria entre o Estado e o mercado, uma vez que o Governo foi responsável pela construção e era proprietário do empreendimento.

O processo de construção política e financeira do Hotel da Bahia é exemplar do papel de Otávio Mangabeira como articulador na viabilização de projetos de importância para o Estado e, principalmente, para a Capital. Embora a iniciativa da construção do hotel tenha sido da Prefeitura, que também presidiu a organização de uma sociedade anônima para permitir que o capital privado pudesse contribuir para a empreitada, é inegável que foi Otávio Mangabeira a grande figura por trás de todo o processo – a ponto de, ao final da operação, mais de 60% do capital da empresa Hotel da Bahia S.A. ter sido diretamente aportado pelo Governo do Estado. (ANDRADE JR., 2012, p. 498).

Embora o governo estivesse viabilizando hotéis em cidades do interior, a capital da Bahia demandava um equipamento desta natureza, que contava, somente com o precário Palace Hotel (1934). Para Andrade Junior (2012, p. 488):

Enquanto o Governo do Estado promovia a construção de dois grandes hotéis nas estâncias hidrominerais de Itaparica e Cipó, a capital continuava sem dispor de um equipamento hoteleiro que pudesse hospedar dignamente artistas, políticos e empresários oriundos de outras cidades.

Todo este aparato institucional, político e ideológico conferiram uma condição de importância para o Hotel da Bahia e os valores da arquitetura moderna foram apropriados para tais fins. Trata-se de um dos exemplares mais emblemáticos de arquitetura hoteleira moderna no Brasil, construído fora do eixo Rio-São Paulo, importantes centros políticos econômicos do país.

Conforme já foi destacado, o hotel foi projetado por Paulo Antunes Ribeiro¹⁰ (1905-1973) e Diógenes Rebouças (1914-1994) por meio do EPUCS - Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador, diante da necessidade de se construir um grande hotel de padrão internacional na capital do estado. A direção da construção ficou a cargo do Engenheiro Oswaldo Augusto da Silva.

O Hotel funcionou como um símbolo da modernização da cidade, inovando na hibridização do programa, que acolhia restaurante, cinema, boates e serviços voltados também para a elite soteropolitana. A linguagem arquitetônica moderna é de matriz corbuseana, pois fica evidente a adoção dos cinco pontos preconizados pelo mestre, que influenciou sobremaneira os arquitetos, reforçando o caráter pioneiro e icônico do edifício.

¹⁰ Paulo Antunes Ribeiro (1905-1973) nasceu na cidade do Rio de Janeiro e se graduou na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, em 1926. O arquiteto faz parte da primeira geração de arquitetos modernos no Brasil, que teve forte influência da obra de Le Corbusier, sobretudo por que estudou entre 1928 e 1929 no Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris. Alcançou, como toda a arquitetura moderna brasileira, um relativo prestígio nacional e internacional na década de 1950, tendo realizados projetos de diversas tipologias (hotéis, escritórios, hospitais, residências, bancos, clubes e planos urbanos).



Colaboraram para a condição de realce do edifício, a sua localização no Campo Grande (Figura 1), área de valor cultural e paisagístico relevante de Salvador e lócus de outro importante ícone do modernismo na Cidade: o Teatro Castro Alves.

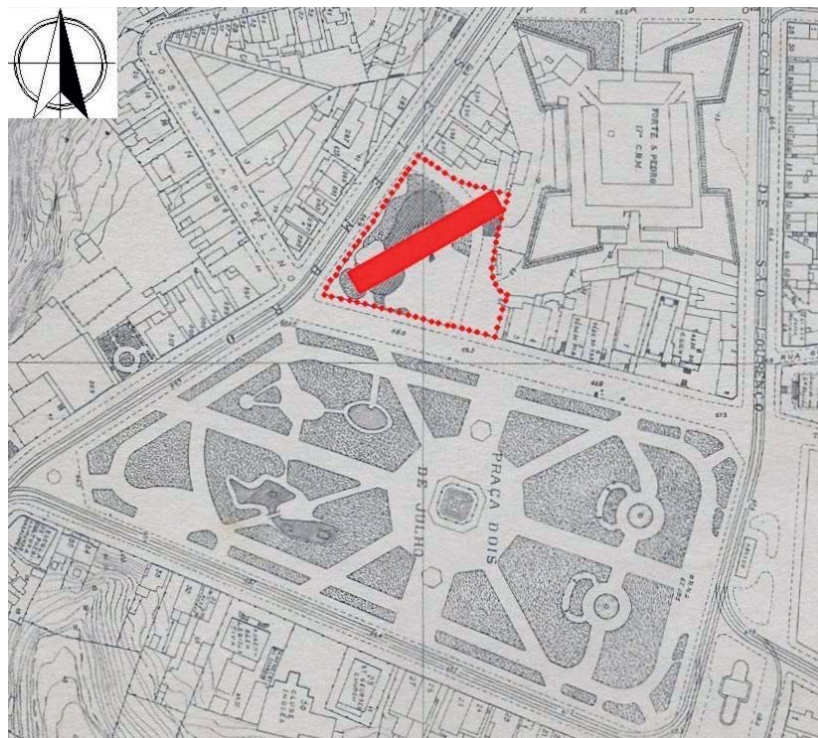


Figura 1: Planta de localização, sem escala, do terreno do Hotel da Bahia (linha tracejada vermelha); o retângulo preenchido em vermelho corresponde ao bloco de apartamentos.

Fonte: ANDRADE JUNIOR (2012), a partir do Atlas Parcial da Cidade de Salvador de 1955

Várias versões do projeto foram concebidas e as revisões se referiam na sua maioria à quantidade de pavimentos e ao programa das áreas sociais, que acabou por abolir o bloco do cinema previsto na primeira versão (Figura 2 e 3).

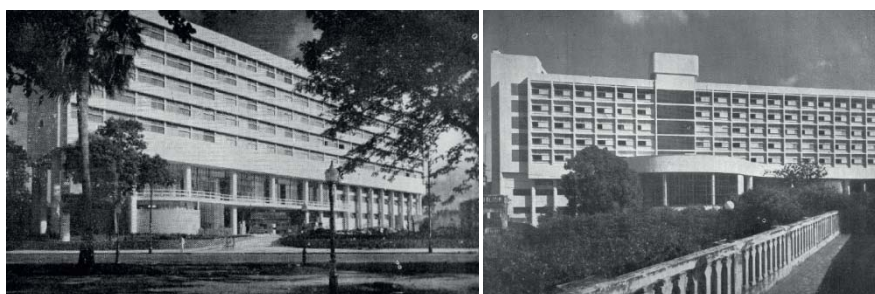


Figura 1: Hotel da Bahia já concluído, visto do Campo Grande e visto do Passeio Público.
Fonte: ANDRADE JUNIOR (2012)

É importante ainda sublinhar o lugar do Hotel da Bahia na historiografia da arquitetura moderna brasileira. O edifício teve destaque em diversas publicações internacionais e nacionais (livros¹¹ e revistas¹²) sobre a arquitetura brasileira na década de 1950. Essa

¹¹ MINDLIN, Henrique E. *Modern Architecture in Brazil*. New York: Reinhold, 1956.

¹² HOTEL à Bahia (Brésil). *L'Architecture d'Aujourd'hui*, Paris, nº 27, p. 88-90, déc 1949; HOTEL à Bahia. *L'Architecture d'Aujourd'hui*, Paris, nº 52, p. 32, jan-fév 1954.



importância se deve não somente à qualidade do projeto, mas ao prestígio que gozava o arquiteto Paulo Antunes Ribeiro.

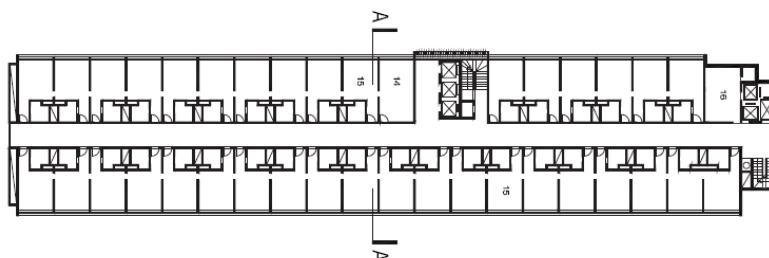


Figura 3: Planta Pavimento Tipo Hotel da Bahia (sem escala).
Fonte: ANDRADE JUNIOR (2012)

O projeto preconizou a integração das artes, premissa fundamental do modernismo brasileiro, incorporando nos seus espaços sociais diversas obras de arte de renomados artistas como Carybé, Pierre Verger, Tatti Moreno e Genaro de Carvalho, tendo sido palco de importantes eventos de promoção da arte moderna baiana, como o I Salão Baiano de Belas Artes.

O Hotel da Bahia passou por algumas reformas, sendo a mais significativa o projeto de ampliação empreendido pelo próprio Diógenes Rebouças entre 1980-1984, que expandiu o número de pavimentos em três, promoveu ampliações nos pisos inferiores, incluindo estacionamentos, novas piscinas, aumento das áreas de serviço, espaços de lazer, um novo restaurante, além de auditório e salas de reuniões, praticamente duplicando sua área construída (de 13.000 m² para 24.000 m²).

Em 2010 foi tombado como bem cultural pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC), órgão do Estado da Bahia. Desde que passou a fazer parte da rede de hotéis Sheraton em 2012, o hotel vem sofrendo reformas com o intuito conservar suas características fundamentais.

O “Grande Hotel” em Portugal: breves notas

O desenvolvimento dos meios de hospedagem em Portugal remonta ao século XIX. Muitos dos hotéis que surgiram neste período (que não cabe aprofundar neste trabalho) atendiam viajantes que circulavam em razão primordialmente de atividades ligadas ao negócio, tanto em Lisboa como no Porto, principais centros urbanos de um país pequeno, à margem do desenvolvimento econômico da Europa.

Um dos primeiros hotéis de porte de Lisboa foi o Grande Hotel Central de 1855, localizado no Cais do Sodré, junto ao Rio Tejo. Esta localização sustenta o argumento de que muitos meios de hospedagem surgiram próximos aos nós de circulação criados a partir das estações e ferrovias, como era o caso.

No que se refere a hotéis de luxo, em Lisboa, um dos primeiros a ser construído foi o Grande Hotel Internacional de 1892, localizado na famosa Praça dos Restauradores e que no ano seguinte iria mudar de denominação para Avenida Palace. O hotel possuía o seu



prestígio relacionado às lojas e atividades que abrigava no pavimento térreo e à sua localização privilegiada, na área comercial da capital lusitana.

O Grande Hotel do Porto, inaugurado em 1880, é outro exemplo importante de meios de hospedagem que surgiam com serviços diferenciados. Assim como outros, estes alojamentos serviam não somente aos viajantes, mas eram lócus de uma sociabilidade da própria aristocracia local, por intermédio do uso dos seus restaurantes e salões sociais, abrindo eventos da vida pública e cívica das cidades.

Entretanto, já se verifica na segunda metade do Século XIX em Portugal o surgimento de localidades que ofereciam atividades nas estâncias termais, para fins terapêuticos e também de recreação, acompanhando o fenômeno internacional de “maritimidade moderna”, relacionadas também à vilegiatura, que se intensificaram no século seguinte.

O Palace Hotel do Bussaco talvez seja um dos exemplos mais interessantes da categoria de “Grande Hotel”, uma vez que não está localizado em um centro urbano, mas em meio a uma floresta homônima, próximo ao palácio de caças dos últimos reis de Portugal¹³. Trata-se de um empreendimento de luxo, concebido em estilo neomanuelino, em que hotel é o principal atrativo.

Diferente do Brasil, muitos meios de hospedagem em Portugal estão inseridos em planos gerais de urbanização voltados para o lazer e o turismo. Projeto pioneiro neste sentido e com pretensões internacionais foi a “Estação Marítima Climatérica, Termal e Desportiva” do Estoril (1914-1919), nas proximidades de Lisboa. Inserido neste contexto físico, destacavam-se o Palace Hotel do Estoril, projetado pelo arquiteto Henri Martinet e o Hotel do Parque no lado oposto, com a posterior incorporação do Cassino Estoril, configurando um importante atrativo de entretenimento na chamada Costa do Sol.

Em 1930 foi criado por Decreto N.º 19:101, um “Regulamento dos Hotéis”, que estabelecia as categorias de meios de hospedagem, a saber: Hotéis de luxo e Hotéis de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes. A diferenciação em relação à categoria não se referia necessariamente à quantidade de quartos, mas a proporção entre quartos e banheiros (casas de banho) privativos, bem com aos níveis de higiene, conforto e diversidade dos serviços (LOBO, 2013).

À época deste marco legal, Portugal contava com apenas cinco hotéis classificados como de luxo:

O Hotel Avenida Palace (1890-1892), do arquitecto José Luiz Monteiro (1848-1942), parte integrante do conjunto da Estação Central e Terminal do Rossio, em Lisboa; o Palace Hotel do Buçaco (1886-1907), com esboço inicial de Luigi Manini (1848-1936) e intervenções de Manuel Joaquim Norte Júnior (1878-1962), Nicola Bigaglia (1841-1908) e José Alexandre Soares (1873-1930); o Palace Hotel de Vidago (1907-1910), com um primeiro projecto de Miguel Ventura Terra (1866-1919) que seria adaptado por José Ferreira da Costa (1850-1919) para a empresa “A Construtora”, do Porto; o Curia Palace Hotel (1922-1926), também de Norte Júnior; e o Palace Hotel do Estoril (1918-1930), com telas finais de Raoul Jourde sobre os desenhos de António Rodrigues da Silva Junior (1868-1937). (LOBO, 2013, p. 427).

¹³ <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/08/palace-hotel-do-bussaco.html>



Para Matos (2003), a linguagem arquitetônica dos hotéis entre 1920 e 1930 era predominantemente relacionada a variações do Ecletismo e às atualizações atreladas ao “Art Nouveau”. Uma exceção neste cenário é o caso do Hotel Vitória (1937), projeto de Cassiano Branco, que esboçava precocemente uma modernidade de viés proto-racionalista, embora se tratasse de um hotel de pequeno porte, localizado na Avenida da Liberdade em Lisboa.

Como o fortalecimento do projeto político de poder do Estado Novo, por meio de uma ênfase importante ao nacionalismo, há uma campanha de criação de hotéis modelos por meio do lançamento de concurso¹⁴, que estabelecia como premissa o regate do caráter tradicional da arquitetura portuguesa, questão bastante influenciada pelas ideias disseminadas por Raul Lino desde a década de 1920 sobre a “Casa Portuguesa”. Assim, os hotéis “palaces” representavam, pela sua linguagem e porte, valores de um espírito internacionalista que o Governo desejava conter e reprimir.

Esta imagem forte do Estado é reforçada pela Grande Exposição Histórica do Mundo Português¹⁵, em 1940, que demonstra o nível de intervenção do Estado no desenho da cidade, nas obras públicas e até privadas. Em vários equipamentos do período o Estado preconizava a produção de uma linguagem paradoxalmente geometrizarante, mas submissa a valores monumentais e clássicos, de filiação ideológica fascista.

O regime autoritário dificultou em grande medida a difusão do Movimento Moderno em Portugal e, à época, foi organizado o “I Congresso Nacional de Arquitectura” (1948), ação coletiva de classe em nome da emancipação cultural e de resistência ao caráter tradicionalista imposto pelo Estado Novo. O evento foi um marco na arquitetura no país e uma tomada de consciência em relação à assimilação dos princípios preconizados pelo Movimento Moderno na arquitetura e no urbanismo.

Coincidindo com este período, na passagem da década de 1940 para 1950, constata-se a construção de apenas dois projetos de feição moderna em Portugal: O Hotel Ofir (1948), em Fuão, de autoria de Alfredo Ângelo de Magalhães (1919-1988) e o Grande Hotel da Figueira (1953), concebido por Ignacio Perez Fernandes (1910-1989). Nos dois casos, os hotéis se voltam para as atividades de turismo e lazer relacionadas com a modalidade de sol e mar. Entretanto, é importante destacar que a modernidade arquitetônica presente nas obras não se sustenta ainda nos princípios canônicos do Movimento Moderno. No primeiro caso, há persistências tradicionais, como na composição simétrica e na prevalência dos cheios sobre o vazio na fenestração. No segundo, permanece a implantação junto ao limite frontal do lote.

A intensificação do turismo em Portugal, como de resto em muitos países, se verifica sobretudo a partir da década de 1950, quando foi criada uma lei (em 1954) de “Utilidade Turística”, que estabelecia critérios de classificação e incentivos fiscal e financeiro para iniciativa privada investir na construção de hotéis.

¹⁴ (...) “seriam apresentados oito modelos de Hotel, um para cada uma das províncias portuguesas. Mais do que definir um tipo único, passível de ser reproduzido por todo o território, pretendia-se associar as novas estruturas hoteleiras a uma expressão regional que veiculasse, tanto a nível da forma como do conteúdo, um regresso a valores da cultura e tradição portuguesas, não deixando, no entanto, de reflectir o sentido prático e a simplicidade dos tempos modernos” (LOBO, 2013, p. 430).

¹⁵ Esta Exposição fazia alusão comemorativa ao duplo centenário: comemorar a data da Fundação do Estado Português (1140) e da Restauração da Independência (1640).



É nesta década¹⁶ que é concebido e construído o primeiro “Grande Hotel” moderno de Portugal, o simbólico Hotel Ritz (1952-1959), de Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957) - um dos principais arquitetos vinculados ao governo de Oliveira Salazar (1889-1970) - em co-autoria com Jorge Ribeiro Ferreira Chaves (1920-1981).

Na categoria de “Grande Hotel”, o processo de construção do empreendimento e a atuação dos agentes envolvidos são reveladores das contradições entre o isolamento e a abertura do Estado Novo no contexto do Pós Segunda Guerra, aspectos que o edifício vai materializar, por meio de assimilações e algumas resistências em relação ao receituário espacial, funcional e formal do Movimento Moderno. Assim, o Ritz é um marco na história da arquitetura moderna em Portugal.

Só a partir da década de 1960 é que a linguagem da arquitetura moderna passa a ser hegemônica na construção de hotéis em Portugal, com destaque para os empreendimentos construídos no Algarve e o único projeto hoteleiro internacional de Niemeyer no Funchal, Ilha da Madeira, com a co-autoria de Alfredo Evangelista Viana de Lima (1913-1991): o Casino Park Hotel (1969).

O Hotel Ritz (1952-1959): o maior hotel do “Império Português”

O projeto do Hotel Ritz se inicia em 1952, coincidindo como o ano de inauguração do Hotel da Bahia, no Brasil. O nome Ritz, ao contrário do que se possa imaginar à primeira vista, não pertence à cadeia do famoso Hotel Ritz de Paris, mas se deve a uma concessão para utilização da marca para agregar valor simbólico ao empreendimento português.

A empreitada da construção de um hotel de luxo e de padrão internacional na capital portuguesa teve incentivo direto de Salazar, unindo interesses econômicos, políticos e culturais (LOBO, 2013). Além do papel do Estado, teve função importante a Sociedade de Investimentos Imobiliários (SODIM), responsável pela construção e gestão do empreendimento, que contava como principais investidores Manuel Queiroz Pereira e o banqueiro Ricardo Espírito Santo.

A justificativa para a construção de um “Grande Hotel” à época se sustentava também na precariedade dos hotéis existentes na capital do “Império Português”¹⁷, e na necessidade de atender às demandas de viajantes, políticos e celebridades, bem como do turismo de massa que se anunciava. Pardal Monteiro tinha consciência destas condicionantes e deixou evidente no Memorial justificativo do projeto:

Longe de pensar na possibilidade de virmos a ter algum dia que estudar o projecto para a edificação de um grande hotel em Lisboa, há muitos anos que, no entanto, insistíamos, em outra tese, na necessidade de resolução desse problema, da mais premente necessidade para a Capital. A construção, posteriormente, em certos locais da Cidade, de alguns pequenos hotéis e a adaptação a este fim de edifícios concebidos com destino bem diverso não conseguiriam, apesar de tudo, atenuar sequer o cada vez mais acentuado agravamento das necessidades de hospedagem provocado pela corrente turística que, de modo crescente, converge para

¹⁶ Para Matos (2004), além do Ritz, somente mais três hotéis modernos foram construídos em Lisboa: O Infante Santo (1957); o Tivoli (1958), o Mundial (1959).

¹⁷ Este discurso megalomaniaco do “Império português” foi uma aparato ideológico do Estado Novo para realçar a potência de Portugal e das suas colônias.



Lisboa, esgotando durante todo o ano a capacidade de alojamento que dispomos (MONTEIRO, 1954, p. 1).

Em Lisboa, o Hotel Ritz (Figura 11) de 1959, projeto de Porfírio Pardal Monteiro, é um dos exemplos mais icônicos, por elevar o status da capital com a implementação de um meio de hospedagem de padrão internacional. O Ritz se insere em uma área urbana significativa em Lisboa, próximo à Praça Marquês de Pombal e defronte ao Parque Eduardo VII, importantes marcos simbólicos da cidade. A localização era estratégica, do ponto de vista da expansão do setor terciário na cidade, a facilidade de acesso ao aeroporto e a abertura de uma ligação viária para Cascais.

Do ponto de vista da implantação, o edifício rompe o “*modus operandi*” do traçado desenhado por Ressano Garcia do Século XIX para expansão da cidade, com vagas influências hausmanianas, que privilegiava o aspecto da continuidade espacial e unidade visual da “rua corredor”. Até a finalização da versão definitiva, o arquiteto apresentou algumas propostas que melhor se adequassem às demandas dos clientes e à declividade do terreno.

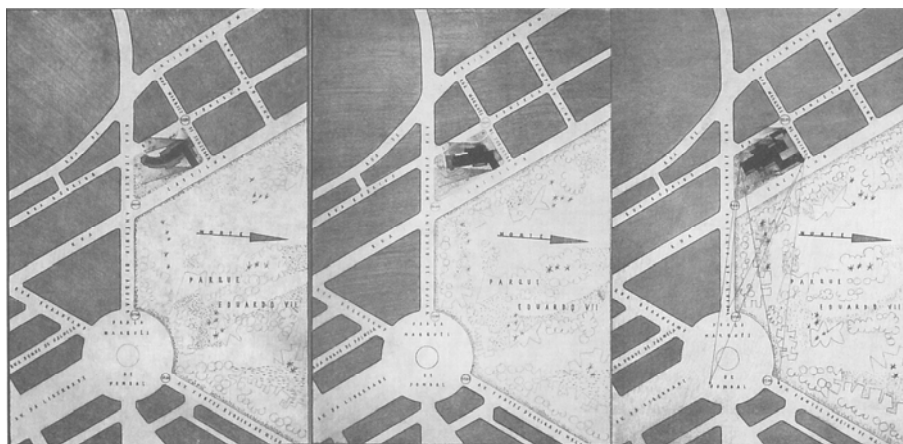


Figura 4: Evolução da Implantação do Hotel Ritz.
Fonte: MONTEIRO (1959)

A construção do Ritz adquire uma conotação pioneira não somente em relação à inserção urbana, mas também à adoção pioneira de aspectos da linguagem do Movimento Moderno em uma obra de grande envergadura (Figura 5). Entretanto, a modernidade do Ritz, manifesta algumas contradições, conforme assinala Magalhães:

Se este edifício afirma a sua modernidade, no modo como se ergue solitário sobre o imenso verde do Parque Eduardo VII, evidenciando um carácter cenográfico e introduzindo uma nova escala na cidade, o programa luxuoso e o espaço palaciano, acentuado nas enormes superfícies de mármore, ancoram-no a uma ideia de tradição (MAGALHÃES, 2000, p.64).

A contradição está presente também na adoção da linguagem moderna, contrariando a atitude “modernista” de caráter fascista adotada pelo regime de Salazar em obras públicas, já que o Estado teve papel preponderante na dotação de um grande hotel de luxo em Lisboa. Além disso, o projeto do hotel representa uma exceção no conjunto da obra do arquiteto Porfírio Pardal Monteiro, um dos principais arquitetos do Estado Novo em Portugal, autor de obras públicas emblemáticas para a legitimação do governo.



Figura 5: Vista do Hotel Ritz desde a Praça Marques de Pombal; Vista Hotel Ritz desde o Parque Eduardo VII.
Fonte: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/10/hotel-ritz.html>

O Hotel é um bom exemplo para discutir como a arquitetura moderna responde à monumentalidade. De fato, a escala e a inserção urbana do Ritz

... incorpora os códigos ortodoxos do Movimento Moderno, remetendo claramente para a teoria de Le Corbusier, presente na intensificação da forma em si, um paralelepípedo de grande dimensões parcialmente assente em pilares, na procura de valorização do único, presente ainda na composição da fachada em grelha que anuncia a repetição modular dos quartos " (MAGALHÃES, 2000, p.64).

Ainda assim, esta fachada conserva aspectos protomodernos, uma vez que a grelha possui uma moldura criada por uma falsa alvenaria nas extremidades, fazendo prevalecer a ideia de composição em detrimento da funcionalidade (Figura 6). A base proeminente do edifício, quase alinhando-se aos limites do logradouro, não permitem destacar a adoção, embora acanhada, do piltotis.

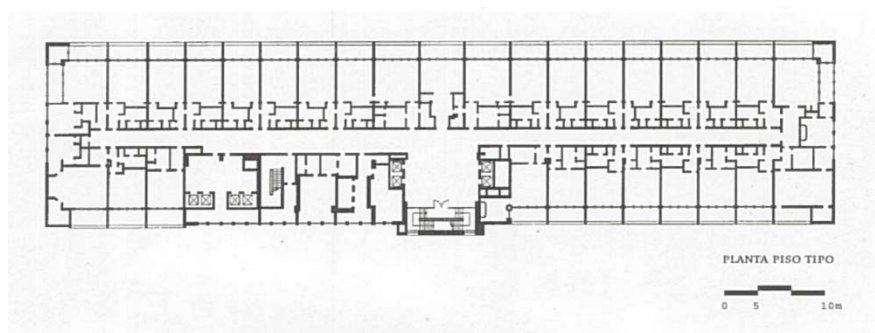


Figura 6: Planta Pavimento Tipo Hotel Ritz
Fonte: MAGALHÃES (2012)

Este caráter conservador, em discordância com o Movimento Moderno está presente também na arquitetura de interiores e decoração, notadamente referenciada em valores classicizantes, não em termos de ornamentação, mas de composição.

Por outro lado, assim como alguns hotéis no Brasil, o Ritz reforça a ideia de integração das artes, ou obra de arte total, ao articular arte e arquitetura. O coletivo de profissionais (arquitetos, engenheiros, artistas plásticos, decoradores, paisagistas, etc) envolvidos na construção do Ritz teve um papel pioneiro no desenvolvimento do modernismo em Portugal e na especialização em projetos do ramo hoteleiro nas décadas seguintes.



A decoração convencional e o excesso de obras de arte do Ritz foram bastante criticados à época, uma vez que contrariava o caráter moderno da arquitetura.

Se observarmos o resultado final desta obra podemos observar que, em muitos casos se verifica uma sobreposição das obras de arte sobre o espaço arquitectónico sem uma forte ligação entre eles. A grande quantidade de obras incluídas (cerca de 600 peças de arte) e o estilo adoptado na decoração dos quartos pouco ou nada tem que ver com o estilo sóbrio e moderno adoptado pelo arquitecto (SILVA, 2009, p.10)

O Ritz também sofreu algumas intervenções e foi classificado como edifício de interesse patrimonial em nível nacional em Portugal:

Uma das características arquitectónicas mais marcantes do conjunto é, de resto, a forma como este edifício baixo, destinado ao restaurante e a diversos serviços, funciona como plataforma de apoio do grande paralelepípedo dos quartos, através de imponentes pilares de sustentação. Esta relação fica bem evidente em algumas perspectivas do conjunto, que não foram prejudicadas pela ampliação posterior do projecto realizada pelo arquitecto Leonardo Castro Freire, autor das galerias comerciais projectadas sobre a Av. Joaquim António de Aguiar e a Rua Castilho.¹⁸

O lugar do Ritz na historiografia da arquitetura se restringe às publicações em revistas portuguesas¹⁹, onde teve bastante destaque. Desde 2007 o empreendimento compõe a cadeia internacional Four Seasons. O atual Hotel Ritz Four Seasons mantém ainda um padrão de hospedagem bastante elevado e ainda constitui um padrão de referência na hotelaria de Lisboa.

“Grandes Hotéis” contemporâneos? à guisa de conclusão.

O Hotel da Bahia e o Hotel Ritz são dois exemplos emblemáticos da versão do “Grande Hotel” no Brasil e em Portugal, respectivamente. Nas duas situações verifica-se: na esfera económica, um incremento das viagens para fins de negócios e o início de uma grande ascensão da atividade turística; na esfera política, uma forte articulação do Estado, que age como grande interventor, com o setor privado, envolvendo diversos agentes e instituições no processo e; na esfera simbólica, uma vez que estes “Grande Hotéis”, ainda são apropriados como importantes signos de modernidade, tentando reverter em cada um dos casos um certo caráter provinciano das cidades onde se implantaram. Neste último aspecto, não muito diferente do “palaces” que foram construídos na virada do século XIX para o XX.

Entretanto, o aspecto relevante na implementação destes hotéis foi o alinhamento, malgrado às contradições e idiosincrasias de cada caso, aos princípios do Movimento Moderno, constituindo contribuições significativas para a evolução da tipologia hoteleira moderna. As similaridades entre os dois hotéis se referem principalmente à sua implantação monumental em uma área de importante valor histórico nas duas cidades, o caráter híbrido do programa de necessidades e a intenção de promover a integração das artes. Entre os aspectos construtivos, é possível identificar um alinhamento mais coerente do Hotel da Bahia às

¹⁸ <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/330467>

¹⁹ Arquitectura, 67, 1960; Binário, 13, 1959



influências corbuseanas (hegemônicas nos dois contextos) em relação ao Hotel Ritz que, inclusive, foi projetado cinco anos após.

Um aspecto digno de nota é que, apesar dos dois edifícios terem sido alvo de intervenções, as instituições de preservação do patrimônio nos dois países reconheceram o valor patrimonial dos edifícios que, em conjunto com a manutenção do uso hoteleiro, têm favorecido a conservação das obras.

Ademais, o grande hotel moderno vai sofrer, ao longo do tempo, uma mutação para o *resort*, que agrega e reúne um programa complexo e autossuficiente, em que o empreendimento é o próprio atrativo turístico. Contudo, houve uma dessacralização em relação aos hábitos e comportamentos com relação ao antigo “Grande Hotel”, mantendo de alguma forma aspectos de conforto.

Assim, conclui-se, que estes hotéis se inserem em um momento de transição, em que os valores do “Grande Hotel” coexistem com as características do chamado “Hotel de Turismo”, ou o *resort* moderno, *“mas incorpora(m) novas valências e o valor da descontração dantes censurada”* (MATOS, 2003, p. 178).

O “Grande Hotel” contemporâneo ressurge na forma de ícone arquitetônico, como no caso de hotéis do tipo *skyscraper* (Dubai, Singapura). Assim, permanecem nestes grandes hotéis da atualidade um apelo, valorização e consumo simbólicos das formas e imagens arquitetônicas, posto que *“o consumo associado aos ícones urbanos e arquitetônicos se insere nas práticas de lazer e do turismo, pois em ambos percebe-se uma forma de distinção social monopolizada pela criação e consumo de bens diferenciados”* (PAIVA, 2014, 118).

Enfim, este trabalho busca contribuir para a compreensão histórico-crítica da arquitetura moderna, suscitada pelas atividades de lazer e turismo, bem como da circulação transatlântica de práticas sociais atreladas à cultura arquitetônica do Brasil e de Portugal.

Agradecimentos

À CAPES, que concedeu bolsa de Professor Visitante no Exterior (Júnior) para realização da pesquisa de pós-doutorado “Turismo e arquitetura transatlântica: o hotel moderno no Brasil e em Portugal”.

Referências

- CAVALCANTI, Lauro (Org.). **Quando o Brasil era moderno: Guia de arquitetura 1928-1960**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- CORTES, Macarena; SARIC, Pablo; PUIG, Anita. Typology as instrument: from the grand hotel to a motel in Antumalal. **ARQ (Santiago)**, Santiago, n. 96, p. 96-107, ago. 2017.
- DENBY, Elaine. **Grand Hotels: Reality and Illusion**. London: Reaktion Books, 1998.
- DIAS, C. M. M.. Amenities & Facilities- Marcos da Hospitalidade na Cidade de São Paulo - fins do Século XIX e início do XXI. **Turismo em Análise**, v. 17, p. 170-189, 2006.
- FREYRE, Gilberto. 55. **Diário de Pernambuco**. Recife, 04 de maio de 1924, p.(?).
- FREYRE, Gilberto. O “Grande Hotel”. **Diário de Pernambuco**. Recife, 27 de maio de 1925, p.(?).
- HOTEL à Bahia (Brésil). **L’Architecture d’Aujourd’hui**, Paris, n° 27, p. 88-90, déc 1949.



HOTEL à Bahia. **L'Architecture d'Aujourd'hui**, Paris, nº 52, p. 32, jan-fév 1954.

LOBO, Susana Luísa Mexia. **Arquitectura e turismo: planos e projectos. As cenografias do lazer na costa portuguesa. Da 1.ª República à Democracia**. Universidade de Coimbra (Tese de Doutoramento). Coimbra, 2013.

MAGALHÃES, Ana . Hotel Ritz. Porfírio Parda Monteiro. **Jornal do Arquitectos – As Praias de Portugal 2**. Lisboa: OASRS, n. 197, setembro-outubro, 2000.

MATOS, Madalena Cunha. Face ao oceano. Arquitectura portuguesa nos hotéis atlânticos dos anos 50 e 60. Fundação Docomomo Ibérico (ed.). **Arquitectura Moderna y Turismo, 1925-1965**; Actas IV Congresso Docomomo Ibérico, pp. 175-179, Valencia: Ed. Docomomo Ibérico, 2003.

MINDLIN, Henrique E.. **Modern Architecture in Brazil**. New York: Reinhold, 1956.

MONTEIRO, Ana Carla de Castro Alves. **Os hotéis da metrópole: o contexto histórico e urbano da cidade de São Paulo através da produção arquitetônica hoteleira (1940-1960)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MONTEIRO, Porfírio Parda. Excertos da memória descritiva do Hotel Ritz. In **Binário**, Lisboa. n. 13, outubro, 1959.

PAIVA, Ricardo Alexandre. O turismo e os ícones urbanos e arquitetônicos. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais** (ANPUR), v. 16, p. 107-123, 2014.

PAIVA, Ricardo Alexandre; PAULA, P. V. ; MACIEL, V. . **O Turismo e o Hotel Moderno no Nordeste**. In: Anais V CINCCI: Colóquio Internacional sobre Comércio e Cidade: uma relação de origem. São Paulo: FAUUSP, 2016.

PEVSNER, Nikolaus. **A History of Building Types**. London: Thames & Hudson, 1976.

PIMENTEL, M. E. M.. **Os Meios de Hospedagem e a Introdução do Moderno na Casa Brasileira**. In: XXVI Simpósio Nacional de História - Anpuh 50 anos., 2011, São Paulo. XXVI Simpósio Nacional de História, 2011.

PIRES, Mário Jorge. Hotéis do século XIX em São Paulo e Rio de Janeiro: Diversidade de Serviços. **Turismo em Análise**, São Paulo. V. , n. 2, p 55-64, 1991.

SILVA, Teresa Madeira da. **As artes plásticas na configuração da arquitectura. Três edifícios modernistas lisboetas**. Anais 8º Seminário Docomomo Brasil Cidade Moderna e Contemporânea: Síntese e Paradoxo das Artes. Rio de Janeiro, 2009.

VARGAS, Heliana Comin. Espaços de consumo e a arquitetura de Morris Lapidus. **Arquitextos**, São Paulo, ano 19, n. 224.02, Vitruvius, jan. 2019
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/19.224/7274>>.